



A CULTURA SURDA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA - MONTAGEM DE CURSO PARA PROFESSORES E LICENCIANDOS

THE DEAF CULTURE IN UNIVERSITY EXTENSION – DESIGNING A COURSE TO TEACHERS AND UNDERGRADUATE STUDENTS

Angela Corrêa Ferreira Baalbaki
angelabaalbaki@hotmail.com

Mariana Schwantes Marinho Rainford
marischwantes@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar as etapas de elaboração de um curso de extensão e seus possíveis benefícios para graduandos e profissionais da área de educação que lidam com alunos surdos. O curso foi ministrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e teve como objetivo principal a instrumentalização de professores, de forma a muni-los com informações pertinentes aos aspectos linguísticos e culturais da comunidade surda, buscando refletir sobre como a experiência visual, associada a elementos que reafirmem a identidade surda, podem auxiliar, em especial, no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua.

Palavras-chave: Cultura surda; Literatura surda; Língua de sinais; Ações extensionistas.

Abstract: *The present study presents the steps in designing an extension course and its benefits to undergraduates and professionals in Education who deal with deaf students. The course took place at Rio de Janeiro State University and its main goal was to provide relevant information regarding linguistic and cultural aspects related to the deaf community, focusing on the discussion on how visual experience - associated to elements which reassure the deaf identity - can facilitate the learning process of Portuguese as a second language.*

Keywords: *Deaf culture; Deaf literature; Sign language, Extensional actions.*

Introdução

No Brasil, a educação de surdos passou por várias etapas que, em geral, desprestigiavam sua primeira língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Após a promulgação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como meio de comunicação da comunidade surda e de instrução para aprendizado de conteúdos escolares e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como sua segunda língua, constata-se uma necessária mudança no processo educacional do aluno surdo. Mudança que deve estar pautada tanto do ponto de vista da qualidade do ensino quanto em relação ao quantitativo de alunos surdos a serem beneficiados com novas metodologias de ensino.

Verifica-se que os fazeres na área de Educação Bilíngue para surdos apontam para uma imperativa investigação de caráter teórico-prático que atenda às necessidades linguísticas desse grupo discente. Especificamente, o ensino de Língua Portuguesa destinado a esses alunos constitui-se como

tarefa desafiadora aos profissionais do ensino regular, já que a maioria destes não possui qualquer formação acadêmica para a execução desse trabalho. Tal contexto se impõe como um obstáculo à aprendizagem da Língua Portuguesa como segunda língua (LP2): os professores, em geral, não sabem Libras – língua de modalidade espaço-visual da comunidade surda brasileira – e desconhecem práticas de ensino da modalidade escrita da LP2.

A pesquisa de Fernandes (2006, p. 1) indica que os resultados insatisfatórios obtidos pela maioria dos alunos surdos no processo escolar decorrem da falta de uma metodologia de ensino adequada. Segundo a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), somente 3% dos surdos brasileiros concluem o ensino médio. Acrescenta-se a esse panorama questões relacionadas à produção e à adequação de materiais didáticos que estabeleçam a transposição didática de conteúdos relacionados à modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Para que uma real educação bilíngue para surdos ocorra, são necessárias constantes atualização e reflexão por parte do corpo docente das escolas de Educação Básica. Destarte, também cabe à universidade, *locus* privilegiado para a formação de professores de línguas, desempenhar o papel de desencadear e de auxiliar na reversão do quadro de exclusão do “mundo letrado” em que ainda vivem muitos alunos surdos. Além de evitar restrições de diferentes ordens de acesso dos pesquisadores ao “modo de viver do surdo” (PERLIN, 2002), pretende-se incentivar, por meio de ações extensionistas, a consolidação da integração com a cultura surda.

1. A extensão universitária no contexto da UERJ

O presente artigo é resultado de uma das ações extensionistas do projeto “Recursos e materiais para o ensino de português para alunos surdos”, desenvolvido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde 2012. O projeto de extensão visa abordar questões ligadas ao ensino de Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) destinado à comunidade surda e propõe estabelecer metodologias de ensino através da produção de materiais didáticos que auxiliem os discentes surdos a desenvolver o letramento em LP. Além disso, pretende-se contribuir com a formação docente do ensino de Português, uma vez que o projeto, voltado à práxis pedagógica, destina-se a suscitar questionamentos acerca do processo de ensino-aprendizagem do Português em perspectiva bilíngue. Assim sendo, o objetivo geral do projeto é instrumentalizar o futuro professor de Língua Portuguesa a lidar com as singularidades linguísticas da comunidade surda pelo viés da transposição didática, com a elaboração, a aplicação e a avaliação de propostas didáticas direcionadas

a alunos surdos.

Tendo em vista que a extensão universitária é caracterizada pelo atendimento ao público externo à universidade, como alunos surdos e professores de Língua Portuguesa, projetos como esse possibilitam a discussão de tópicos tão necessários à formação docente, construindo, assim, conhecimento sobre novas metodologias e estratégias didáticas que vão além dos muros universitários. O desenvolvimento de tais atividades permite que se faça o levantamento de dados quantitativos e qualitativos acerca das estratégias e metodologias adequadas ao ensino de LP2 para alunos surdos.

2. Cultura surda e seus artefatos culturais

Com o avanço dos Estudos Culturais, a questão das identidades surdas vem sendo amplamente debatida, proporcionando um novo olhar sobre a comunidade surda. No entanto, devido à falta ou à reduzida divulgação dessa perspectiva, perdura, no bojo das relações com ouvintes, a ideia que os sujeitos surdos devam se adequar, ou melhor, ser “ajustados” à cultura ouvintista.

Ainda se deve registrar que a língua funciona como um elemento de identificação do sujeito. Por meio dela ele compartilha seus valores, seus sentimentos e transmite sua cultura. A Libras proporciona ao sujeito surdo o seu direito de voz perante a sociedade e o reconhecimento. “A língua de sinais é uma das principais razões de encontro entre os surdos, pois é através da experiência de compartilhar uma língua de modalidade gestual-visual que eles têm oportunidades de trocar experiências, conversar, aprender” (KARNOPP, 2010, p.157). Em suma, a Libras é uma marca de identidade surda.

A Cultura Surda, segundo Salles (2004), é entendida a partir da diferença, do reconhecimento político. Apesar de ser caracterizada como multicultural e partilhar com a comunidade ouvinte alguns hábitos e costumes, também é constituída por histórias de vida e pensamentos diferenciados, já que a percepção visual do mundo pelo surdo gera valores, comportamentos e tradições sócio-interativas. Nesse contexto, como afirma Skliar (1998), torna-se fundamental o acesso de crianças surdas a processos culturais e a produtos elaborados pela comunidade surda, como o teatro, a poesia visual, a literatura em Língua de Sinais, entre outros.

A esse respeito, podemos destacar a importância da Cultura Surda para o fortalecimento da identidade cultural dessa comunidade. Como nos aponta Karnopp (2006), são escassos os materiais que abordam a diversidade cultural e apresentam outras visões sobre a imagem do surdo. Para



preencher essa lacuna, surge, por exemplo, a Literatura Surda, que tematiza a importância da língua, da cultura e da identidade surda e que busca representar o surdo a partir da sua forma de conceber o mundo por meio do visual, da luta pela legitimidade de sua língua e dos produtos culturais dessa comunidade. Dessa forma, a Literatura Surda se apresenta como um desejo de reconhecimento: busca afirmar tradições culturais e recuperar histórias reprimidas da comunidade surda (cf. KARNOPP, 2006).

O contato de crianças surdas com processos culturais e produtos elaborados pela comunidade surda, como a Literatura Surda, permite discussões sobre a diversidade cultural e a construção de identidade desses sujeitos. Contudo, é preciso que haja um espaço destinado a essas reflexões. A sala de aula, então, surge como uma possibilidade de discussão desses tópicos, visto que tais elementos podem ser incorporados à aula, sendo utilizados como recursos de apoio no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos. No entanto, Leite & Cardoso (2009) já apontam para a problemática que envolve o uso de tais recursos em sala de aula: há poucos materiais disponíveis para uso nas escolas e, em muitos casos, os profissionais de educação desconhecem a existência de tais recursos. Há, ainda, relatos de graduandos e profissionais da Educação, que atuam com alunos surdos em sala de aula, que reforçam esse panorama deficitário na capacitação de professores (BAALBAKI, 2016).

Assim sendo, buscando criar meios que possam servir de apoio a professores em formação (inicial e continuada) e demais profissionais da área, pensou-se em um curso de extensão destinado a debater questões pertinentes à educação do aluno surdo. O curso pretendeu abordar questões ligadas à cultura e à literatura surda. O objetivo geral do curso foi o de instrumentalizar o professor a lidar com as singularidades linguísticas e culturais da comunidade surda pelo viés da transposição didática, com a elaboração, a aplicação e a avaliação de propostas didáticas direcionadas a esses alunos. Ao longo do curso, buscou-se compreender como a experiência visual, amplamente defendida pelas pesquisas na área de educação de surdos, pode corroborar não só com o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa escrita, mas também com a inserção do sujeito surdo na sociedade letrada.

Nessa perspectiva, o curso procurou atender principalmente às necessidades do professor de línguas, com destaque para a Língua Portuguesa, da educação básica. Foram empregados recursos digitais para expor às necessidades visuais dos discentes surdos, buscando tematizar o seu “*modus vivendi*”. Outro aspecto importante foi o destaque dado à cultura e à literatura surda. Para a realização do curso, foi possível contar com a participação especial de Aulio Nóbrega, pedagogo bilíngue e apresentador da TV INES, que realizou uma oficina de contação de história em Libras. Aproveitamos

para registrar nosso agradecimento a esse profissional, uma vez que tratar da temática sobre cultura surda nos coloca como condição *sine qua non* inserir a presença dessa comunidade.

3. Descrição da metodologia do curso

O curso de extensão intitulado “Aspectos da Cultura Surda” buscou atender não apenas os alunos da graduação e pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) mas também ao público externo como profissionais da área de educação e estudantes de outras instituições. Pensado e produzido pelos integrantes do projeto de extensão “Recursos e Materiais de Português como segunda língua para alunos surdos”, o curso foi delineado de forma a oferecer temas que pudessem contextualizar o atual panorama da comunidade surda em sala de aula, trazendo aspectos pertinentes à cultura e à identidade, além de apresentar o que é entendido como Literatura Surda. Para Karnopp (2010, p. 157), “marcar a diferença linguística e cultural das pessoas surdas significou trazer a discussão para o campo político, por meio de uma afirmação da cultura surda, capaz de congrega pessoas em torno de uma proposta política”.

Em relação à metodologia, o curso englobou quatro eixos temáticos, cujas especificidades se basearam em propor a criação de recursos e metodologias de caráter inovador visando às necessidades linguísticas da comunidade surda, a saber: 1) divulgação da Libras e da cultura surda; 2) compreensão das especificidades da produção cultural e literária dos surdos; 3) estudo e análise das produções culturais dos surdos; 4) elaboração de atividades utilizando produções culturais surdas. O primeiro eixo, voltado à difusão da Língua de Sinais e suas especificidades, propôs oferecer informações essenciais sobre a língua de sinais e os aspectos culturais dos surdos. O segundo eixo destinou-se à discussão das especificidades das produções culturais surdas. Pretendeu-se, a partir de análise das produções, verificar o papel da Libras e da experiência visual. No terceiro eixo, que contemplou o estudo e a análise da produção cultural da comunidade surda, propôs-se um trabalho baseado no uso de diversos recursos literários. O quarto eixo, voltado ao planejamento das propostas pedagógicas baseadas em produções literárias surdas, dedicou-se a repensar as práticas e oferecer aprimoramento às ações educacionais.

Estruturado para ser ministrado em dez dias, com duração total de 30 horas, o curso foi dividido em dez oficinas, as quais tiveram como objetivo abarcar os eixos temáticos supracitados.

As temáticas desenvolvidas nas oficinas foram:

(1) Cultura surda I.

- (2) Cultura Surda II.
- (3) Índio Surdo.
- (4) Literatura Surda.
- (5) Literatura Infanto-juvenil.
- (6) Fábula surda.
- (7) Piada surdas.
- (8) Contação de histórias em Libras.
- (9) História em quadrinhos.
- (10) Poesia surda e Literatura Brasileira traduzida para Libras.

Cada aula contou com recursos específicos que pudessem levar à reflexão dos participantes acerca da importância da experiência visual no processo de aprendizagem do aluno surdo. A seguir, comentamos o desenvolvimento de cada uma das oficinas.

- Oficinas 1 e 2

A primeira e a segunda aulas compartilharam o mesmo tema: ambas tiveram como objetivo promover a reflexão acerca da cultura surda e suas especificidades. Falou-se sobre o que é a identidade surda, focando-se nos aspectos linguísticos que distinguem o universo ouvinte e o universo surdo.

No campo dos Estudos Culturais, a cultura determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar e de compreender o mundo. Os estudos culturais têm por objetivo compreender o funcionamento, as construções, suas identidades e a organização das diversas culturas em âmbito individual e coletivo.

O que se pode compreender por *Cultura Surda*? É a maneira de o surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. Ela é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilham algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e comportamentos (STROBEL, 2008). Os sujeitos surdos tiveram seus direitos linguísticos suprimidos durante muitos anos. Mediante tantas opressões, a cultura surda, mesmo cercada por uma gama de dificuldades, conseguiu sobreviver e está a cada dia ganhando mais espaço em nossa sociedade. Seus artefatos culturais reforçam, a cada instante, o poder que a cultura surda tem em influenciar de forma positiva a vida de sujeitos surdos e ouvintes.

Considerando o exposto, foram apresentados alguns estudos que versam sobre surdez,

desmitificando seu aspecto medicalizado. Apresentaram-se alguns artefatos culturais, como o teatro, as artes visuais e mesmo os aparelhos eletrônicos que podem facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes. De uma forma geral, buscou-se contextualizar como se dá a comunicação dos surdos e, sobretudo, desmistificar o fato de que surdos seriam menos capazes por disporem de uma comunicação visual gestual ao invés da oral-auditiva utilizada por ouvintes. Além disso, foram debatidos aspectos concernentes à educação bilíngue e como o fato de conhecer a cultura surda pode auxiliar o desenvolvimento do aluno em sala de aula. Como um dos recursos para elucidar o tema, foram apresentados trechos do filme francês “A família Bélier”, lançado em 2014. A obra narra a história de Paula, uma adolescente cujos pais e irmão são surdos. Ela tem um papel essencial na administração da fazenda e como intérprete da família, que serviu de base para discussões sobre o papel da família e da escola na vida do surdo, além de ressaltar a importância da língua de sinais.

- Oficina 3

A terceira aula foi elaborada com o objetivo de identificar os elementos culturais que constituem a identidade de índios surdos e analisar os contextos em que os sinais linguísticos surdos relacionados às culturas indígenas se legitimam e se entrelaçam com a Libras. Para tal, buscou-se fornecer informações acerca das produções acadêmicas que têm como foco o índio surdo no Brasil. Foram apresentados os estudos de Darcy Ribeiro, “Diários Surdos – Os Urubus Kaapor”, além de se trabalhar aspectos de sinais indígenas emergentes (VILHALVA, 2009). Dentre os estudiosos que desenvolveram pesquisas sobre essa questão, destaca-se Lucinda Ferreira Brito (1995; 1993). A referida linguista registrou a existência da Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB) que se desenvolveu na Floresta Amazônica (Maranhão) por uma comunidade indígena de vários índios surdos e índios ouvintes. Brito (1995) averiguou que a Língua de Sinais dos Urubu-Kaapor era uma legítima língua de sinais dos surdos, a qual foi criada pelos próprios índios Urubu-Kaapor.

Recursos, como vídeos, foram utilizados para mostrar índios utilizando a língua kaapor de sinais e, dessa forma, mostrar as diferenças que as línguas gesto-visuais podem apresentar. Mostrou-se, também, como se dá a organização da cultura surda em algumas tribos indígenas e quais os projetos e escolas indígenas que buscam promover o letramento de índios surdos (VILHALVA, 2006; 2007). Tratou-se do *Projeto Índio Surdo* que, em articulação com SEESP e SECADI, tinha como principal meta, em 2007, elaborar um Projeto Nacional para atendimento ao Índio Surdo no Brasil. Há necessidade de continuar as atividades com empenho de identificar a existência dos alunos índios surdos nas escolas indígenas.

- Oficina 4

A quarta aula foi destinada à introdução da Literatura Surda, buscando destacar que tal literatura é aquela que os surdos produzem por meio da língua de sinais e tem como tema principal a experiência das pessoas surdas. Podemos compreender melhor do que se trata de Literatura Surda, retomando as palavras de Karnopp (2006). Para a referida autora,

A expressão “literatura surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2006).

Consideramos, portanto, que a Literatura Surda adquire também o papel de difusão da cultura surda, dando visibilidade às expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual. A proposta da oficina 4 buscou elucidar a questão pertinente às diferenças linguísticas entre surdos e ouvintes, trazendo para o foco do debate a importância da língua de sinais para a comunidade surda. Debateu-se sobre a necessidade de utilizar em sala de aula recursos e materiais em que as características viso-gestuais da língua de sinais fossem ressaltadas. A Literatura Surda foi, então, debatida como instrumento de reconhecimento cultural pela comunidade surda, que traz representações acerca da vivência dos surdos. Buscou-se levar ao público as formas de produção surda, sendo elas traduzidas ou produzidas por surdos. Com essa oficina, intentou-se trabalhar a importância de se ter produções que representem o surdo como foco da história, e não como sujeito subordinado à visão medicalizada. Além das produções traduzidas, adaptadas e criadas pela comunidade surda, apresentaram-se outros recursos, como a contação de histórias e o teatro. Assim como Karnopp (2006) afirma, é importante analisar os registros surdos que evidenciem suas diferenças culturais e linguísticas, ou seja, materiais que evidenciem a surdez como presença e não ausência de algo se torna essencial no movimento de reafirmação da cultura surda em contextos escolares. Registramos, assim como Karnopp (2010) que

É possível encontrar formas de registrar as histórias que traduzam a modalidade visual que os surdos utilizam para narrar suas histórias de vida, piadas, mitos, lendas..., sem perder o movimento que as mãos produzem, as expressões corporais e faciais que vão construindo e desvendando o enredo, as personagens, o cenário. (KARNOPP, 2010, p.161)

- Oficina 5

Já a quinta aula foi destinada à Literatura Infanto-Juvenil, cujo objetivo era o de discutir a



questão da produção literária para crianças surdas. Seu principal objetivo foi contribuir para a discussão da produção de uma literatura surda, vinculada às discussões sobre cultura e identidade. “Em geral, [...] há um completo desconhecimento dos processos e dos produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao brinquedo, à poesia visual, à literatura em língua de sinais etc...” (KARNOPP, 2006, p.99)

Nessa aula, priorizou-se a discussão de dois livros: “Rapunzel Surda” e “Cinderela Surda” - duas histórias que fazem uma releitura dos clássicos da literatura e apresentam aspectos da língua, cultura e identidade. A apresentação dos textos está numa versão bilíngue, ou seja, as histórias estão escritas em português e também na escrita da língua de sinais (Sign Writing). As duas histórias adaptadas foram apresentadas aos participantes, os quais debateram os aspectos linguísticos e culturais presentes nessas obras. Foi discutido, também, “Tibi e Joca – uma história de dois mundos”, que narra a história de um menino surdo em uma família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais. Ainda foi trabalhado “Adão e Eva” - no livro, os autores Lodenir Becker Karnopp e Fabiano Rosa, contam a origem da língua de sinais pela criação do casal feita por Deus. Na história, os dois ficam sem roupa após comerem a maçã e veem-se obrigados a usar a fala, já que as mãos estão ocupadas em esconder a nudez dos seus corpos.

Ao analisar cada obra, preocupou-se em discutir como o surdo era visto e como a língua de sinais auxiliou os personagens ao decorrer da narrativa. Foi possível, ainda, debater como as histórias analisadas atuam como forma de representação da luta de grupos surdos pelo reconhecimento da identidade surda e da legitimação da língua de sinais. Afinal, “a literatura surda começa a se fazer presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de **reconhecimento**, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa.’” (KARNOPP, 2006, p.100).

Os participantes do curso foram convidados a analisar uma dessas obras, em grupos, e a identificar os elementos que pudessem auxiliá-los em um ambiente escolar. Foram distribuídas fichas de análise de livros e, em seguida, um debate foi aberto. A questão que orientou a todos foi: “qual é a importância da literatura surda de reconhecimento? Afinal, essa literatura tem um lugar e uma prática legitimada. Outras questões, retiradas de Karnopp (2006), orientaram as discussões do grupo: “Quais são os livros que apresentam as narrativas que circulam entre os surdos? Quais histórias são contadas e recontadas em línguas de sinais na comunidade surda? Que representações dos surdos e da surdez estão presentes nessas narrativas?” (KARNOPP, 2006, p.101).

- Oficina 6

Fábula surda foi o tema da sexta aula, que teve como propósito tratar as fábulas como manifestações culturais, que constituem um conjunto de valores e de heranças culturais e linguísticas também em Libras. Vale lembrar que “a fábula é um texto de ficção. As fábulas são narrativas em que os personagens são animais personificados que representam histórias sobre a vida humana. O objetivo final da fábula é realizar um ensinamento por meio de uma lição de moral” (KARNOPP, 2008, p. 18).

Para essa aula, foram apresentadas algumas produções traduzidas para Libras, como as fábulas de Esopo. Também foram apresentadas fábulas adaptadas como a “Cigarra surda e as formigas”, uma história que foi escrita por duas professoras de surdos, uma ouvinte e a outra surda, apresenta como tema a importância da amizade entre surdos e ouvintes. O tema central do livro é importância da amizade entre surdos e ouvintes. Na apresentação do livro, uma das autoras enfatiza que essa história foi fruto do trabalho realizado em sala de aula, onde houve uma apresentação teatral por crianças surdas, em Libras, e também a produção do texto em escrita de sinais (*Sign Writing*) e na língua portuguesa. O livro foi produzido manualmente e as ilustrações foram realizadas por um aluno. Outra história abordada foi “O patinho surdo”. Escrita por Fabiano Souto Rosa e Lodenir Karnopp, a história tem como tema a diferenças linguísticas e importância do intérprete. Por meio da análise dessas obras, buscou-se debater que estratégias de aprendizagem ou atividades poderiam ser utilizadas para auxiliar alunos surdos no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa modalidade escrita. As perguntas geradoras foram:

- a) Quais as vantagens de se trabalhar com Fábulas em sala de aula?
- b) Quais aspectos podem ser trabalhados com alunos surdos?
- c) Que estratégias podem ser utilizadas para se trabalhar fábulas com alunos surdos?

A principal atividade foi realizada em grupos. Tratou-se da elaboração de planos de aula, tendo como recurso uma fábula, de modo a pensar em estratégias que possam ser utilizadas com alunos surdos. Sua organização seguiu da seguinte forma:

1. Divisão da turma em 6 grupos de 5 alunos.
2. Sorteio das séries para as quais os grupos terão de elaborar o plano de aula: 4º ao 6º ano do Ensino Fundamental.
3. Escolha das fábulas.
4. Desenvolvimento de um plano de aula, tendo como base a fábula escolhida.
5. Apresentação do plano de aula produzido.

Por fim, debateu-se sobre a importância das fábulas não apenas como facilitadores de aprendizagem para o surdo, mas também como agentes que atuam na integração entre alunos surdos e ouvintes.

- Oficina 7

O humor pode ser expresso por qualquer língua e cultura. Não seria diferente com a cultura surda e a sua língua, a Libras. Há várias formas de humor que podem ser produzidas: 1) imitações de pessoas, animais, filmes e objetos; 2) brincadeiras com as configurações do alfabeto ou dos números; 3) brincadeiras com o movimento; 4) brincadeiras com temas tabu; 5) anedotas e piadas. Na sétima aula, focou-se nas piadas surdas, com o intuito de promover a recuperação e divulgação da produção literária surda e apreciar as piadas criadas e contadas pelos próprios surdos como material linguístico e sociocultural. Vale destacar que “as piadas que os surdos sinalizam são histórias que passam de mão em mão, geralmente mudando pouco, como mudança de personagem, objeto ou local ou até um desfecho diferente.” (KARNOPP e SILVEIRA, 2014)

Com esse tema, buscou-se trabalhar aspectos pertinentes às formas como a comunidade surda expressa sua cultura, utilizando o humor como forma de mostrar vivências de seu cotidiano. As piadas em Libras são contadas e recontadas em rodas de conversas e têm a surdez, a língua de sinais e a relação surdos/ouvintes como as possibilidades mais recorrentes.

Foram apresentadas, ainda, algumas piadas conhecidas na comunidade surda, como “Árvore surda” e “Tourada”, enfatizando a afirmação de Karnopp e Silveira (2014), de que as piadas sinalizadas acabam adquirindo aspectos de cada sujeito que a interpreta. Outras piadas apresentadas foram “Madeira” e “Dr, Avoz”, retiradas do site da TV INES³⁸. Para finalizar a oficina, foi proposta uma análise comparativa sobre cinco versões da piada “O Leão Surdo”. Em grupo, os alunos participantes da oficina destacaram os elementos da narrativa encontrados em todas as versões.

- Oficina 8

Já a oitava aula serviu como troca de experiências ímpar para o curso. Contando com o apoio de Áulio Nóbrega, pedagogo bilíngue e apresentador da TV INES³⁹, foram apresentadas algumas técnicas de contação de histórias em Libras. Os participantes do curso tiveram a oportunidade de aprender, por meio das técnicas apresentadas e das experiências compartilhadas, como as vivências

³⁸ Respectivamente, os links são: <http://tvines.com.br/?p=735> e <http://tvines.com.br/?p=737>.

³⁹ <http://tvines.ines.gov.br/>

podem auxiliar o desenvolvimento de uma sala de aula que aloca tanto alunos surdos como ouvintes.

O professor convidado deu destaque à forma de adaptar a contação de uma história para surdos. Além disso, relatou a experiência com a produção de histórias, mais especificamente práticas pedagógicas em animação produzidas por alunos surdos do Ensino Fundamental do Instituto Nacional de Surdos (INES). Para a referida atividade, foi utilizada a técnica *Stop Motion*⁴⁰.

- Oficina 9

Na nona aula, foram apresentadas Histórias em Quadrinhos (HQ) com o objetivo principal de discutir uma proposta de intervenção junto a alunos surdos, por meio de estratégias pedagógicas, para favorecer a escrita da Língua Portuguesa, utilizando a produção de histórias em quadrinhos. E por que HQs?

Por ser um gênero textual que dá ênfase ao visual, sendo de grande interesse dos alunos, elegemos as histórias em quadrinhos por considerarmos que seu uso é essencialmente importante ao aluno surdo, principalmente nas séries iniciais de ensino, propiciando o fortalecimento do hábito e do prazer de ler e o desenvolvimento da modalidade escrita do português. (GESUELI,; ALMEIDA, 2003, p.7)

Foram apresentadas algumas produções voltadas para o público surdo, em que os personagens principais vivenciam problemas relacionados à comunidade surda. Buscou-se debater como recursos como HQs podem auxiliar o discente surdo em sala de aula, visto que são estratégias que mesclam recursos visuais com a língua escrita. Também se propôs observar como as HQs podem atuar como agente facilitador de aprendizado – como, por exemplo, as tirinhas intituladas “Aquele cara surdo” (That deaf guy), do desenhista norte-americano surdo Matt Daigle. Para a produção de HQs com os alunos, foi indicado um programa, a saber, HagáQuê⁴¹, que é um editor de histórias em quadrinhos com fins pedagógicos.

Ao longo dessa oficina, debateu-se a importância de se utilizarem recursos de imagens em sala de aula. Em virtude de o surdo possuir uma comunicação visual gestual, priorizar o uso de imagens possibilita que aluno contextualize e internalize o conteúdo de forma mais facilitada. As ideias centrais foram considerar o letramento visual na educação de surdos e distanciar o ensino da concepção grafocêntrica da escrita, pois o aluno surdo não percorre um caminho pautado na relação

⁴⁰ “*Stop Motion* (que poderia ser traduzido como “movimento parado”) é uma técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Essas fotografias são chamadas de quadros e normalmente são tiradas de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, afinal é isso que dá a ideia de movimento.” (Fonte: <http://docslide.com.br/documents/stop-motion-55c099fbd7f4f.html>).

⁴¹ O programa pode ser visualizado em <http://www.nied.unicamp.br/~hagaque/explicacao.php?lang=pt-BR>

da escrita com a oralidade.

- Oficina 10

A última aula foi destinada à poesia surda – produzida em vídeos - e literatura brasileira traduzida para Libras, cujo objetivo foi o de tratar a importância da tradução e da leitura de obras clássicas da literatura brasileira na escolarização de alunos surdos.

De acordo com Sutton-Spence (2005), de um modo geral, não há evidências da existência de poemas em língua de sinais antes de 1960. Por outro lado, registros apresentados em Fischer e Lane (1993) nos informam que existiam poetas Surdos nos séculos XVIII e XIX. Provavelmente, a não especificação de que esses poetas, além de produções escritas tinham, também, poemas em língua de sinais, deva-se pela impossibilidade de registro do poema sinalizado naquele momento, o que levou, após todo o período de negação da língua de sinais, à perda cultural dessa possibilidade de produção e expressão literária. Silveira (2015) assinala que, em suas pesquisas, encontrou

um registro mais antigo de vídeo de poema no site Gallaudet, de uma performance em 1913, com a poetisa americana Mary Williamson Erd1, do poema "Death of Minnehaha"⁴² ("morte de Minnehaha"), que talvez seja inspirada no poema épico americano do autor Henry Wadsworth Longfellow, em ASL . O poema fala de uma lenda índia e a temática é muito popular nos Estados Unidos [...]. Vê-se, assim, um poema antigo, numa apresentação de 1913, que mostra que, com mais de 100 anos, a poesia surda não é recente. Só que atualmente existem pesquisas que mostram produções poéticas; também a facilidade de divulgação começou há pouco tempo, com as novas tecnologias, como já falamos. O acesso dos surdos a estes poemas faz com que eles se reconheçam e alguns procurem se expressar de forma poética. (SILVEIRA, 2015, p.4)

Sobre a poesia surda, podemos destacar que, conforme Quadros e Sutton-Spence (2006, p. 112), a “poesia em língua de sinais, assim como a poesia em qualquer língua, usa uma forma intensificada de linguagem [“sinal arte”] para efeito estético”. Em geral, os poetas surdos podem usar algumas das seguintes formas: modificação de sinais; variação de sinais; utilização de componentes não-manuais (expressão corporal e facial); uso de classificadores; recorrência a metáforas; interiorização de personagens com suas características; mudança de papéis para representar diferentes personagens ou situações. Ao longo dessa aula, foram discutidas as formas de expressão que os surdos dispõem o que possibilita a reafirmação da cultura surda. Para tal, foram apresentadas tanto poesias traduzidas para Libras como as produzidas em Libras⁴³.

42 O vídeo pode ser acessado em <http://videocatalog.gallaudet.edu/?video=18920>.

43 As seguintes poesias foram apresentadas: “O pintor de A a Z (História com o alfabeto sinalizado)”, produzida por Nelson Pimenta; “Árvore de Natal em LSB”, produzida por Fernanda Machado, em 2005; “Feliz Natal”, produzida por

Além da poesia, conversou-se sobre literatura traduzida, ou seja, obras clássicas da literatura brasileira que foram adaptadas e traduzidas para a Libras, possibilitando que alunos surdos tenham acesso a esse conteúdo. Sendo assim, os materiais que se caracterizam como traduções para a Libras de clássicos da literatura “contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda.” (MOURÃO, 2012, p. 3). Por fim, os participantes foram convidados a debater os aspectos positivos em se utilizar esses tipos de material no processo de aprendizado do aluno surdo.

4. Resultados

Cabe frisar que curso foi oferecido para a comunidade interna e externa da UERJ. Dos 30 participantes inscritos, 22 concluíram o curso. Como forma de inscrição, todos preencheram questionários que incluíam informações como formação e conhecimento sobre Libras e a comunidade surda. Ao analisar as fichas de inscrição, foi possível constatar que 60% dos participantes tinham algum conhecimento sobre a língua de sinais e 36% eram graduandos da UERJ. O público participante tinha como formação a área de Letras, Pedagogia, Ciências Biológicas, Ciências Econômicas, Serviço Social e Fonoaudiologia.

Ao final da décima oficina, todos os participantes preencheram uma pesquisa de opinião na qual se deveria pontuar de 1 a 5 os seguintes itens: a qualidade do material e da forma como os conceitos foram apresentados; a pertinência das atividades; a eficácia das discussões desenvolvidas; além de um espaço destinado ao registro de observações gerais. Com os resultados obtidos, tornou-se possível averiguar que o curso foi bem-sucedido não só pelos alunos que concluíram satisfatoriamente a programação mas também por ter despertado em todos a importância do trabalho com imagens e da utilização da Libras nesse contexto educacional. Indubitavelmente, o curso foi um espaço de construções e de trocas de experiência entre todos os envolvidos. Certamente, provocou reflexões que serão levadas em conta pela equipe do projeto no planejamento de próximas edições desse curso de extensão.

Um dos desdobramentos dessa realização foi transformar o conteúdo ministrado no curso de presencial em um curso de educação a distância, oferecido à comunidade discente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por meio da plataforma *Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)*. O

Rosani Suzin, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xeGtxbI7tF4&feature=plcp>; “Presente de natal”, produzida por Claudio Mourão, disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=4fpz6eiaUik>.

curso *Aspectos da Cultura Surda* visa a oferecer tais conteúdos aos graduandos dos cursos de licenciaturas da universidade. Contando com a mesma estrutura do curso presencial, exceto pela contação de histórias, as atividades desenvolvidas implicam oferecimento de formação inicial para graduandos de cursos de licenciatura.

5. Considerações Finais

Apesar do sucesso do curso de extensão, ainda há muitos caminhos a serem percorridos para que a formação de profissionais capacitados a lidarem com as especificidades linguísticas e culturais do alunado surdo seja eficiente. Sublinha-se que o aperfeiçoamento não se faz fora do eixo ensino, pesquisa e extensão, pois, para refletir sobre as especificidades da educação bilíngue, faz-se necessário ter contato com pesquisas nessa área, como também aplicá-las no cotidiano escolar.

Pretende-se que a continuidade de cursos como esse suscite a discussão e a construção de conhecimento sobre a cultura e a literatura surdas, assim como sobre novas metodologias e estratégias didáticas. Embora se caracterize por ter mais impacto no âmbito da extensão, haja vista o atendimento ao público externo à universidade, as atividades tiveram a finalidade de garantir a execução das funções acadêmicas. A inter-relação com o ensino se expressou pela participação de estudantes da graduação das diferentes habilitações oferecidas pelo Instituto de Letras e demais institutos em questões relativas à educação bilíngue para alunos surdos. Com base de atuação no ensino, o curso envolveu os alunos de graduação oferecendo atividades que poderão ser complementares à sua formação inicial e professores atuantes nas redes municipal e estadual de ensino. No que se refere à pesquisa, o curso ofereceu aperfeiçoamento acadêmico, por meio de orientação de bolsistas de graduação e auxílio a alunos de pós-graduação, visto que também pode servir de campo de investigação a esses alunos. Pretendeu-se, principalmente, realizar levantamentos que gerassem informações qualitativas sobre as estratégias e metodologias adequadas para o ensino de LP2 para alunos surdos.



Referências

- BAALBAKI, Angela C. F. Línguas, escola e sujeito surdo: análise do “Relatório sobre a política linguística de educação bilíngue – língua brasileira de sinais e língua portuguesa”. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 26, p. 323-342, 2016
- BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- FERNANDES, Sueli. *Práticas de letramentos na educação bilíngue para surdos*. Curitiba: SEED, 2006. Disponível em: http://www.culturasorda.eu/resources/Fernandes_praticas_letramentos+surdos_2006.pdf Acesso em 23 de maio de 2011.
- GESUELI, Z. M.; ALMEIDA, R. S. As histórias em quadrinhos eletrônicas e o processo de letramento de alunos surdos. In: *Congresso de Leitura do Brasil, 14; Seminário Educação, Políticas Públicas e Pessoas com Deficiência*, IV, 2003. Anais... Campinas: Unicamp, 2003.
- KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Cadernos de Educação* (UFPel), Pelotas, v. 36, p. 155-174, 2010. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n36/07.pdf> Acesso em 12 abril 2014
- _____. *Literatura Surda*. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2008.
- _____. *Literatura surda*. *ETD: Educação Temática Digital*. Campinas, v. 7, p. 98-109, 2006. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=6529> acesso 16 maio 2015
- KARNOPP, L. B.; SILVEIRA, C. H. Humor na literatura surda. *Educar em Revista*. Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, p.93-109, 2014.
- LEITE, J. G.; CARDOSO, J. Inclusão Escolar de Surdos: Uma análise de livros de alfabetização. In: *Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. Curitiba: Champagnat, 2009, p.1-13. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3_250_1545.pdf. Acesso 16 maio 2015.
- MOURÃO, C. H. N. Adaptação e Tradução em Literatura Surda: a produção cultural surda em língua de sinais. In: *IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED SUL*, 2012, Caxias do Sul-RS. ANAIS DO IX ANPED SUL 2012. Caxias do Sul/RS: UPPLAY, 2012. p. 1-18.
- PERLIN, G. *História dos Surdos*. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.
- SALLES, H. M. M. L. et al. *Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica*. v1. Brasília: MEC, SEESP, 2004.
- SKLIAR, C. (ed.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- SILVEIRA, C. H. Poemas em Libras sobre natal – uma investigação sobre poesia surda. In: 6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, 2015, Canoas RS. Anais 6º SBECE e 3º SIECE Educação, transgressões, narcisimos, 2015, p. 01-16. Disponível em: http://www.sbece.com.br/resources/anais/3/1430071877_ARQUIVO_TextoSBECE2015ATUAL.pdf Acesso 14 de abril 2015
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC. 2008.
- SUTTON-SPENCE, R. *Analysing sign language poetry*. London: Palgrave, 2005.
- SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de. *Estudos Surdos I*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006.
- VILHALVA, Shirley. *Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul*. Dissertação [Mestrado em Linguística]. 124 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2009.
- _____. Metas para realização do projeto Índio Surdo no Brasil. *Revista da FENEIS*, v. VII, p. 22 e 23, 2007a.
- _____. *Quais são as produções acadêmicas sobre índios surdos no Brasil?* IV Encontro Regional Sul de História Oral - Culturas, Identidades e Memórias, 2007b. Disponível em <http://www.feneis.com.br/page/quantitativo.asp> Acesso 17 de abril 2014.

[RECEBIDO: agosto de 2018]

[ACEITO: maio de 2019]



LINGUÍSTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS DA SAÚDE: UMA ABORDAGEM PARA A EQUIVALÊNCIA TRADUTÓRIA⁴⁴

APPLIED LINGUISTICS TO HEALTH SCIENCES: AN APPROACH TO TRANSLATION EQUIVALENCE

Júlia Santos Nunes Rodrigues

juliasnrodrigues@ufmg.br

Francieli Silvéria Oliveira

francielioliveira@ufmg.br

Kícila Ferregueti

kicilaferregueti@let.grad.ufmg.br

Adriana Silvina Pagano

apagano@ufmg.br

Resumo: Este trabalho investiga a equivalência tradutória a partir da análise de agrupamento de características observadas em um texto anotado com categorias do GRUPO VERBAL sob a perspectiva da linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O texto utilizado é um protocolo de avaliação de práticas de autocuidado em Diabetes Mellitus da área das Ciências da Saúde originalmente escrito em inglês e sua tradução e adaptação cultural para o português brasileiro. Uma planilha foi construída para a anotação dos GRUPOS e COMPLEXOS VERBAIS presentes nas orações do instrumento original e do traduzido. A anotação foi importada para o ambiente computacional R (R CORE TEAM, 2018) na forma de uma matriz de contagens, a fim de se realizar uma análise de agrupamento e gerar um dendrograma mostrando o nível de fusão entre as orações anotadas do protocolo original e do traduzido. A análise buscou observar se as orações equivalentes que apareceriam no nível zero no dendrograma indicariam CORRESPONDÊNCIA FORMAL (CATFORD, 1965) e aquelas que apareceriam em níveis diferentes indicariam MUDANÇAS (CATFORD, 1965). Os resultados mostraram que o agrupamento obtido pela técnica estatística permite separar as orações equivalentes que apresentam MUDANÇAS e aquelas que se encontram em relação de CORRESPONDÊNCIA FORMAL.

Palavras-chave: Estudos da tradução; Teoria sistêmico-funcional; Equivalência tradutória; Grupo verbal; Linguística Aplicada às Ciências da Saúde.

Abstract: *This study investigates translation equivalence through cluster analysis of clauses annotated with categories pertaining to the VERBAL GROUP from the perspective of systemic-functional theory (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). The annotated clauses were retrieved from a protocol developed by healthcare scientists to evaluate the self-care practices by public healthcare service users diagnosed with type 2 Diabetes Mellitus. The protocol was originally written in English and translated and cross-culturally adapted into Brazilian Portuguese. A spreadsheet was used in order to annotate categories pertaining to VERBAL GROUPS and COMPLEXES in the clauses of the original and translated protocol. The annotation was imported into the computational environment R (R CORE TEAM, 2018) in the form of a matrix. The aim was to perform a cluster analysis and obtain a dendrogram showing the level of fusion between the original clauses and their translated counterparts. The analysis sought to observe if equivalent clauses at zero level in the dendrogram would indicate FORMAL CORRESPONDENCE (CATFORD, 1965), and those at different levels would point to SHIFTS (CATFORD, 1965). Results showed that cluster analysis can be performed to discriminate equivalent clauses that present SHIFTS from those that stand in relation of FORMAL CORRESPONDENCE.*

⁴⁴ A análise aqui apresentada é um recorte de um trabalho de conclusão de curso apresentado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de bacharel em Língua Inglesa com ênfase nos Estudos da Tradução, 2014.

Keywords: *Translation studies; Systemic functional theory; Translation equivalence; Verbal group; Applied linguistics to Health Sciences*

1. Introdução

O presente artigo apresenta os resultados de um estudo contrastivo realizado entre um texto da área da saúde produzido originalmente em inglês e sua tradução para o português brasileiro. O texto em questão é o "*Behavior Change Protocol*" - *5-Step Behavioral Goal-Setting Process* (FUNNEL; ANDERSON, 2004), um protocolo da área das Ciências da Saúde amplamente utilizado no tratamento de pessoas com a condição crônica Diabetes Mellitus tipo II nos Estados Unidos.

O estudo situa-se na interface entre os Estudos Descritivos da Tradução orientados para o produto (HOLMES, 2000) e a Teoria Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e teve como objetivo analisar a equivalência tradutória, a partir da caracterização sistêmico-funcional do GRUPO VERBAL⁴⁵ nos textos fonte e alvo, seguindo uma abordagem quantitativa da tradução implementada no ambiente computacional R (R CORE TEAM, 2018).

Este trabalho está localizado no âmbito das pesquisas realizadas no projeto Empoder@, uma parceria entre a Escola de Enfermagem da UFMG, o Laboratório Experimental de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG e o Departamento de Estatística do Instituto de Ciências Exatas da UFMG, cujo enfoque principal é desenvolver instrumentos e tecnologias de avaliação do autocuidado visando ao empoderamento do usuário do Sistema de Saúde com alguma condição crônica, a partir de um trabalho interdisciplinar e de aplicação da Linguística a outras áreas do conhecimento, no caso, às Ciências da Saúde.

Além desta Introdução, este artigo é composto ainda por quatro seções. Na primeira seção, é apresentado o Referencial Teórico utilizado, que inclui a localização deste estudo no campo disciplinar dos Estudos da Tradução, a Teoria Sistêmico-Funcional enquanto ferramenta de análise, bem como os principais conceitos, sistemas e funções utilizados durante a anotação e a análise. Na segunda seção, as principais etapas metodológicas, tanto do processo de tradução e de adequação cultural do protocolo, quanto das categorias e dos critérios de anotação dos GRUPOS e COMPLEXOS VERBAIS são detalhadas. Na terceira seção, os resultados da anotação e análise realizadas são

⁴⁵ No presente artigo, todos os termos teóricos e descritivos da Teoria Sistêmico-Funcional e os termos relacionados aos pressupostos teóricos de Catford (1965) estão grafados em VERSALETE (SMALL CAPS). Além disso, os termos teóricos e descritivos da Teoria Sistêmico-Funcional seguem a tradução proposta por Figueredo (2011).

apresentados e discutidos. Por fim, na seção de Conclusão, é feita uma síntese dos principais resultados e as vantagens e contribuições da metodologia adotada são discutidos.

2. Referencial Teórico

2.1 Estudos da Tradução

O campo disciplinar Estudos da Tradução foi consolidado pelo pesquisador James Holmes em 1972, a partir do seu trabalho *The name and nature of translation studies*, cuja versão mais atual foi publicada em 2000. Segundo Holmes (2000), os Estudos da Tradução possuem dois objetivos principais:

“1) descrever os fenômenos do ato de traduzir e da (s) tradução(es), como elas se manifestam no mundo da nossa experiência e 2) estabelecer os princípios gerais por meio dos quais esses fenômenos poderão ser explicados e previstos.” (HOLMES, 2000, p. 176)⁴⁶.

Mediante esses objetivos, o autor apresenta uma tipologia em que localiza os tipos de estudos realizados no campo disciplinar Estudos da Tradução. A Fig. 1 a seguir mostra essa tipologia.

⁴⁶ Nossa tradução para “(1) to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience, and (2) to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted.” (HOLMES, 2000, p. 176)

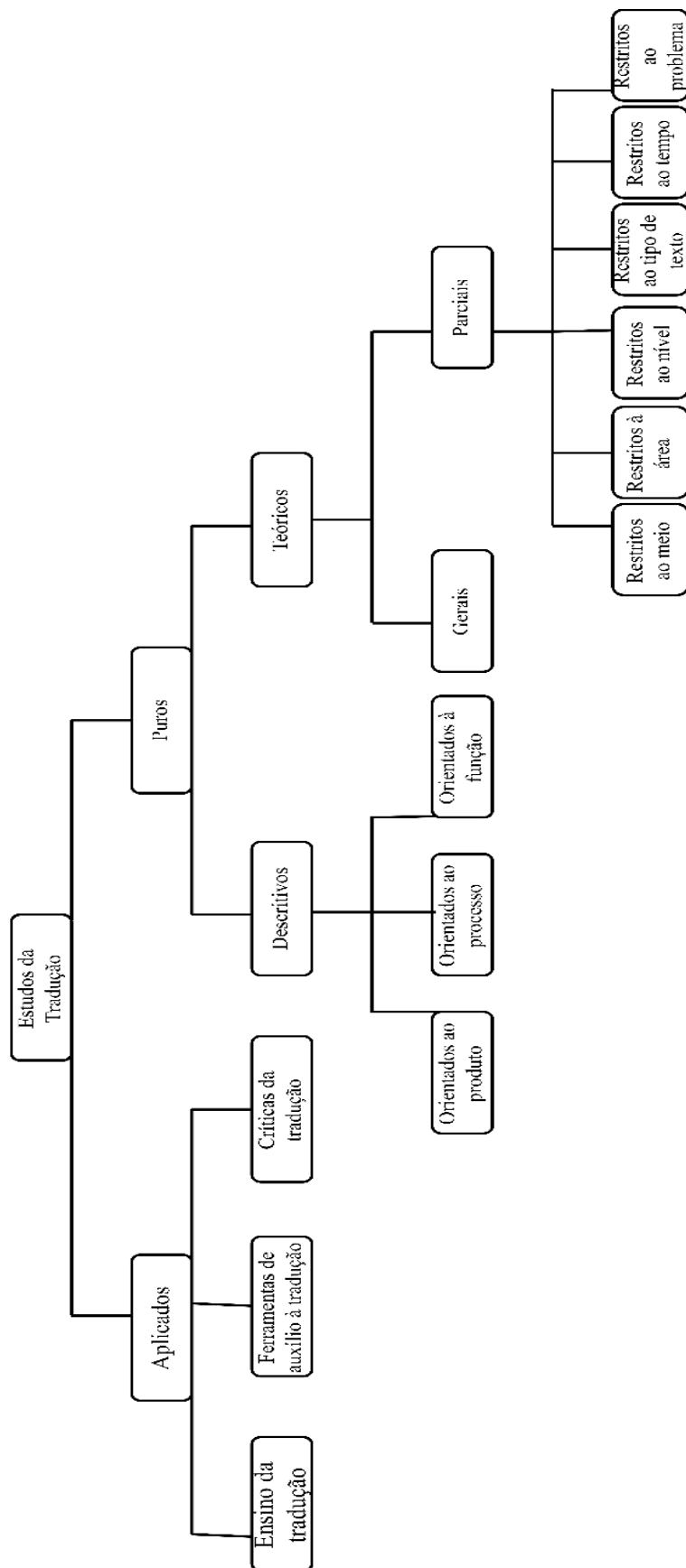


Fig. 1: Tipologia de Holmes para os Estudos da Tradução.

Fonte: Adaptada de Castro (2016)

Holmes apresenta duas possibilidades de estudos no campo disciplinar Estudos da Tradução, os estudos puros e os estudos aplicados. Os estudos puros são divididos em teóricos e descritivos, sendo responsáveis por trabalhos que não visam à aplicação prática, de forma imediata. Os estudos aplicados são responsáveis por trabalhos voltados para a aplicação das pesquisas realizadas.

Os Estudos Descritivos da Tradução, localizados nos estudos puros, encarregam-se de investigar sistematicamente os fenômenos que acontecem na prática tradutória. Nessa categoria, a tradução é considerada uma produção multilíngue e é dividida em três campos: orientada para o produto, orientada para o processo e orientada para a função.

A presente pesquisa se encontra no âmbito dos Estudos Descritivos da Tradução orientados para o produto, uma vez que analisa traduções, a fim de descrever os processos linguísticos envolvidos na atividade tradutória. Os Estudos Descritivos da Tradução orientados para o produto possuem duas fases. A primeira se ocupa do estudo de traduções isoladas ou do estudo de traduções com foco textual. A segunda é responsável por análises comparativas na tradução de um mesmo texto, tanto na mesma língua quanto em línguas diferentes.

A comparação entre línguas é feita pela análise do produto tradutório com o objetivo de investigar os processos linguísticos e extralinguísticos que o envolvem. Catford (1965) afirma que as línguas podem ser comparadas, embora exista a necessidade de uma teoria linguística comum entre elas para realizar essa comparação. Catford (1965) apresenta ainda três categorias para realizar a comparação linguística: EQUIVALÊNCIA TEXTUAL, CORRESPONDÊNCIA FORMAL e MUDANÇA⁴⁷.

A EQUIVALÊNCIA TEXTUAL é uma operação na qual há uma porção de texto na língua fonte, que por métodos de permutação ou pela própria experiência do tradutor, é considerada equivalente na língua alvo (CATFORD, 1965). A CORRESPONDÊNCIA FORMAL é a correspondência entre categorias da língua fonte e língua alvo, ela ocorre quando “uma categoria da língua alvo ocupa, na economia da língua alvo, o “mesmo” lugar que a categoria correspondente ocupa na língua fonte” (CATFORD, 1965, p.35). A MUDANÇA representa a perda da CORRESPONDÊNCIA FORMAL no processo de tradução da língua fonte para a língua alvo, essa perda pode ocorrer mediante à mudança de nível ou à mudança de categoria (CATFORD, 1965).

⁴⁷ Nossa tradução para *TEXTUAL EQUIVALENCE*, *FORMAL CORRESPONDENCE* e *SHIFT*. Para este trabalho, no entanto, foram analisados os conceitos de CORRESPONDÊNCIA FORMAL e MUDANÇA.

2.2 A Teoria Sistêmico-Funcional como ferramenta de investigação nos Estudos Descritivos da Tradução

Munday (1998, 2002) e Pagano e Vasconcellos (2005) apontam a necessidade de se utilizar nos Estudos Descritivos da Tradução orientados para o produto a Teoria Sistêmico-Funcional (TSF), visto que uma análise textual feita com base gramatical, mas sem o uso de uma teoria é considerada pelos autores uma análise textual de opinião (cf. HALLIDAY, 1994).

Por esse mesmo viés, Munday (1998) afirma que a TSF descreve as relações estabelecidas entre a FONÉTICA e FONOLOGIA, LEXICOGRAMÁTICA, SEMÂNTICA e CONTEXTO pelo conceito de REALIZAÇÃO. Portanto, uma análise do produto tradutório realizada com base sistêmico-funcional possui potencial para investigar como os ESTRATOS LINGUÍSTICOS são construídos tanto na língua fonte quanto na língua alvo e, assim, comparar as línguas (MUNDAY, 1998).

A respeito do estrato do CONTEXTO, Halliday (1978) aponta que ele possui dois níveis de abstração, o CONTEXTO DE CULTURA, sendo o mais abstrato e o CONTEXTO DE SITUAÇÃO, o menos abstrato. O CONTEXTO DE CULTURA diz respeito a todo potencial de significado de uma LÍNGUA que compõe uma CULTURA. O CONTEXTO DE SITUAÇÃO refere-se ao significado construído por uma INSTÂNCIA LINGUÍSTICA (MATTHIESSEN *et al.*, 2010). A análise do CONTEXTO em textos em relação de tradução, texto fonte e texto alvo, constitui uma ferramenta relevante para a verificação da eficácia do produto tradutório (PAGANO; FERREGUETTI; RODRIGUES, 2016).

O estrato da LEXICOGRAMÁTICA possui quatro níveis na ESCALA DE ORDENS, a saber, MORFEMA, PALAVRA, GRUPO/FRASE e ORAÇÃO, sendo a relação entre esses níveis determinada pelo conceito de COMPOSIÇÃO (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A análise de cada nível da ESCALA DE ORDENS é realizada pela análise de SISTEMAS/FUNÇÕES, ou seja, para cada ORDEM, existem SISTEMAS e/ou FUNÇÕES específicos para a análise (HALLIDAY, 2002).

Na presente pesquisa, os sistemas enfocados para a ordem da ORAÇÃO foram: STATUS DA ORAÇÃO, CLASSE DA ORAÇÃO, TIPO DE PROCESSO e TIPO DE MODO. O STATUS DA ORAÇÃO é marcado por duas possibilidades, ORAÇÃO MAIOR e ORAÇÃO MENOR. A CLASSE DA ORAÇÃO também pode ser classificada em duas categorias, orações INDEPENDENTES e DEPENDENTES. O TIPO DE PROCESSO é analisado de acordo com os cinco tipos, MATERIAL, MENTAL, RELACIONAL, VERBAL e EXISTENCIAL⁴⁸. O TIPO DE MODO pode ser classificado como um dos três tipos disponíveis, IMPERATIVO, DECLARATIVO e INTERROGATIVO (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, FIGUEREDO, 2011).

⁴⁸ Ao contrário do inglês, o PROCESSO COMPORTAMENTAL não apresenta motivação sistêmica para realização no português brasileiro, podendo esse PROCESSO ser ora MATERIAL, ora MENTAL (cf. Figueredo, 2011).

Já para a ordem do GRUPO, mais especificamente para o GRUPO VERBAL, esta pesquisa enfocou os sistemas de POLARIDADE, de VOZ e de ELIPSE, bem como a função de FINITUDE. A POLARIDADE é classificada pelas opções POSITIVO e NEGATIVO. A VOZ pode ser ATIVA ou PASSIVA. A análise da FINITUDE é voltada para o FINITO, ou seja, o primeiro elemento do GRUPO VERBAL que carrega a DÊIXIS, o TEMPO e a MODALIDADE. O FINITO pode ser classificado como NÃO-FINITO, quando o ASPECTO do FINITO for PERFECTIVO ou IMPERFECTIVO, ou como FINITO, assim a DÊIXIS pode ser MODAL ou TEMPORAL. A ELIPSE também apresenta duas possibilidades para o GRUPO VERBAL, NÃO-ELÍPTICO e ELÍPTICO, quando ELÍPTICO há duas opções, ELÍPTICO pela própria ELIPSE ou ELÍPTICO por SUBSTITUIÇÃO (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, FIGUEREDO, 2011).

Tendo apresentado os pressupostos teóricos que delinearam o presente trabalho, a próxima seção retrata o protocolo das Ciências da Saúde usado nesta pesquisa.

2.3 Protocolo “Behavior Change Protocol” - 5- Step Behavioral Goal-Setting Process

O protocolo “Behavior Change Protocol” - 5-Step Behavioral Goal-Setting Process (FUNNEL; ANDERSON, 2004) é um instrumento que foi desenvolvido nos Estados Unidos, originalmente escrito em inglês, utilizado como ferramenta para o empoderamento da pessoa com a condição crônica Diabetes Mellitus tipo II. Em outras palavras, esse protocolo é uma ferramenta destinada a auxiliar na conscientização da pessoa com Diabetes Mellitus em relação à importância do autocuidado no que tange a essa condição crônica. Para que esse instrumento pudesse ser utilizado no contexto de cultura do Brasil, mais especificamente no contexto de situação da saúde brasileira, a tradução e adequação cultural desse protocolo para o português brasileiro se fez necessária (cf. CECILIO *et al.*, 2014).

Nesse sentido, como se trata de um instrumento da área das Ciências da Saúde, é recomendável que a tradução siga um processo tradutório já estabelecido nessa área, sendo a tradução do protocolo em questão pautada pelo processo de tradução preconizado por Guillemin *et al.* (1993). A Fig. 2 a seguir ilustra todo o processo de tradução realizado para o protocolo utilizado nesta pesquisa.

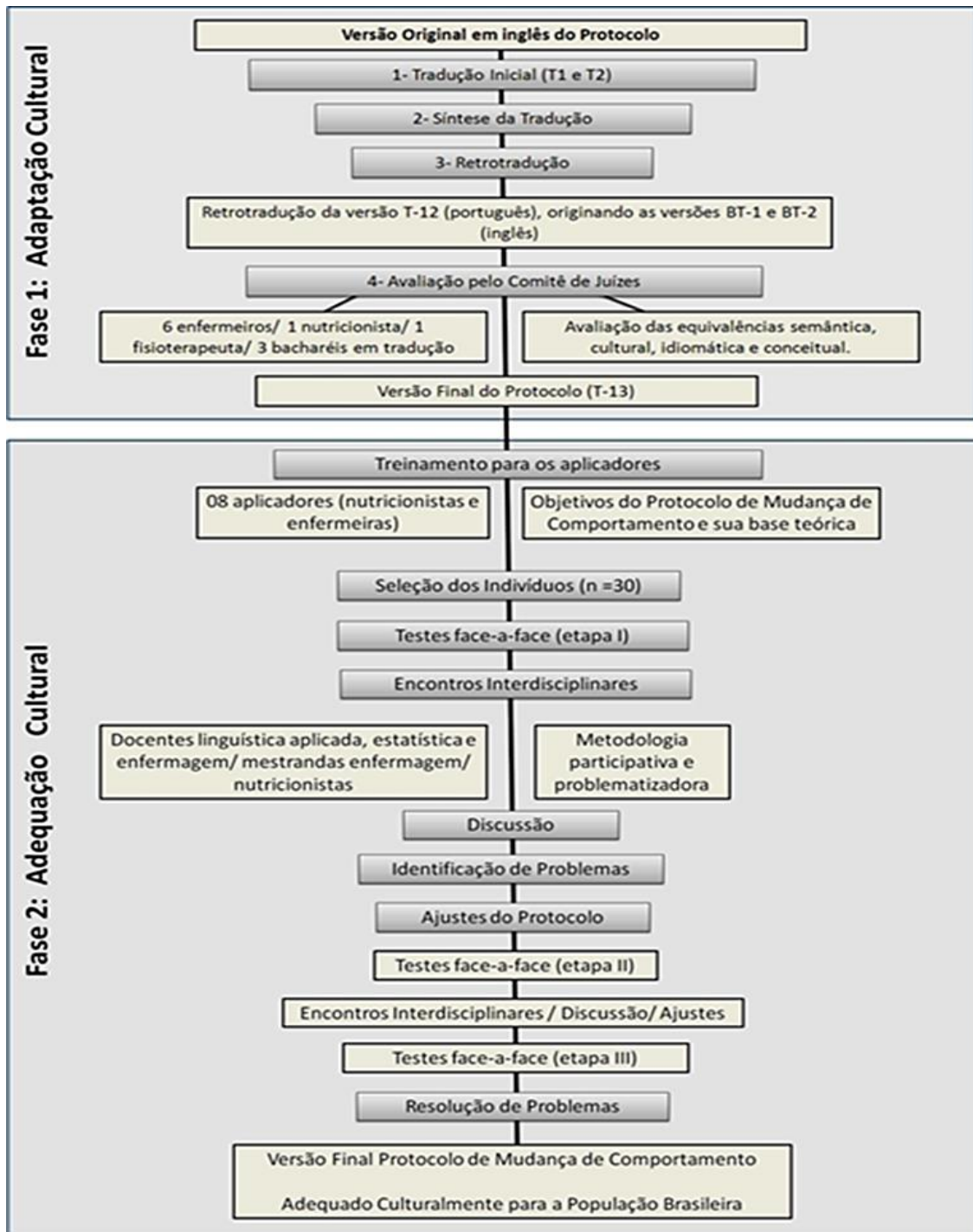


Fig. 2: Fluxograma processo tradutório do instrumento *Behavior Change Protocol*

Fonte: Cecilio *et al.* (2014, p.8)

O fluxograma apresentado na Fig. 2 mostra que na primeira fase do processo tradutório ocorre a adaptação cultural do instrumento: o protocolo é traduzido, analisado pelos tradutores,

retrotraduzido e avaliado por um comitê de juízes composto por profissionais da área da saúde, da estatística e da Linguística Aplicada. A segunda fase compreende a adequação cultural em que profissionais da saúde, treinados para aplicação do instrumento, aplicam o protocolo em uma amostra de indivíduos por meio de entrevistas. Após as aplicações do protocolo, profissionais da área da Linguística Aplicada, da estatística e da saúde se encontram para discutir a aplicação do protocolo, identificar inconsistências e realizar os ajustes necessários. Em seguida, uma nova aplicação é realizada e os profissionais se reúnem novamente para discutir e solucionar novas inconsistências. Por fim, a última aplicação é executada, havendo a solução de todas as inconsistências, tem-se uma versão final da tradução do protocolo adaptado e adequado culturalmente para a população brasileira.

A próxima seção aborda os passos metodológicos que guiaram a presente pesquisa.

3. Metodologia

A metodologia deste trabalho é dividida em duas fases principais, a primeira compreende a coleta de dados e a segunda a análise de dados.

A fase da coleta de dados diz respeito ao processo de tradução do "*Behavior Change Protocol*" - *5-Step Behavioral Goal-Setting Process* (FUNNEL; ANDERSON, 2004), traduzido para o português brasileiro como Protocolo de Mudança de Comportamento – 5 Passos para a Mudança de Comportamento e Conquista de Metas. Esse processo de tradução seguiu as diretrizes preconizadas por Guillemin *et al.* (1993) para traduções de questionários e protocolos da área das Ciências da Saúde⁴⁹. Ainda na fase da coleta de dados, houve o processo de adequação cultural em que profissionais da saúde, da estatística e da Linguística Aplicada se reuniram com o intuito de fazer as mudanças necessárias no protocolo traduzido, tendo em vista as dificuldades apontadas durante as aplicações testes do protocolo.

Já na fase da análise de dados, os GRUPOS e COMPLEXOS VERBAIS presentes nas ORAÇÕES do protocolo original em inglês e nas ORAÇÕES do protocolo traduzido para o português brasileiro foram anotados e, depois, analisados. Essa fase da análise de dados foi composta de três etapas principais.

Na primeira, os textos do protocolo original em inglês e do protocolo traduzido para o português foram segmentados em ORAÇÕES. Depois, os sistemas STATUS DA ORAÇÃO, CLASSE DA

⁴⁹ O processo de tradução de questionários e protocolos da área das Ciências da Saúde proposto por Guillemin *et al.* (1993) apresenta 5 etapas: traduções individuais, síntese das traduções individuais, revisão da síntese das traduções, retrotradução e comitê de juízes.

ORAÇÃO, TIPO DE PROCESSO e TIPO DE MODO pertencentes à ordem da ORAÇÃO foram anotados na planilha eletrônica desenvolvida para a anotação manual. Em seguida, também em uma planilha eletrônica se deu a anotação manual na ordem do GRUPO VERBAL e do COMPLEXO VERBAL, sendo que 39 categorias foram anotadas manualmente para os GRUPOS e COMPLEXOS VERBAIS. Ainda nessa primeira etapa, o sistema de POLARIDADE, de VOZ, de ELIPSE, a função de FINITUDE e a categoria confluência do FINITO e PRIMEIRO EVENTO⁵⁰ foram anotados.

Na segunda etapa da fase da análise de dados, deu-se a análise automática das anotações manuais por meio da análise de *cluster* (análise de agrupamento) por meio de *scripts* desenvolvidos no *software* e ambiente computacional R (R CORE TEAM, 2018)⁵¹. Para isso, as planilhas eletrônicas com as anotações manuais do protocolo original e do traduzido foram importadas para o *software* R e as colunas que apresentavam as ORAÇÕES e os GRUPOS e COMPLEXOS VERBAIS, bem como as colunas correspondentes às funções anotadas apenas para os COMPLEXOS VERBAIS foram eliminadas, restando somente as funções que eram comuns aos GRUPOS E COMPLEXOS VERBAIS e também os sistemas relacionados à ordem da ORAÇÃO. Ainda nessa segunda etapa, uma matriz de contagem das funções e dos sistemas que ficaram na planilha eletrônica usada para a anotação manual foi elaborada de acordo com o código identificador (id) das ORAÇÕES de cada protocolo. A partir disso, um rótulo foi inserido para que o *software* R pudesse diferenciar as ORAÇÕES de cada protocolo, sendo “O” para o protocolo original e “T” para o traduzido.

Além disso, as ORAÇÕES do protocolo original e do traduzido foram alinhadas de acordo com a numeração da planilha eletrônica usada para a anotação manual, por isso certas orações foram eliminadas na análise. Os critérios para eliminação das orações foram: 1) ORAÇÕES que apareceram no protocolo traduzido para viabilizar a compreensão do usuário com a condição crônica Diabetes Mellitus e/ou do profissional da saúde, ou seja, as orações responsáveis por explicitar uma oração anterior, por exemplo e 2) determinadas ORAÇÕES do protocolo original que não apresentaram tradução no protocolo traduzido, seja porque essas orações no protocolo traduzido foram nominalizadas, seja porque essas orações não se enquadravam no CONTEXTO DE CULTURA do protocolo no Brasil. Portanto, as ORAÇÕES restantes seguiram a seguinte configuração O-12 e T-12 que correspondem à oração 12 do protocolo original e à oração 12 do protocolo traduzido

⁵⁰ A categoria confluência do FINITO e PRIMEIRO EVENTO diz respeito às ORAÇÕES em que o FINITO, responsável por realizar a DÊIXIS, o TEMPO e a MODALIDADE da ORAÇÃO, e o PRIMEIRO EVENTO, verbo lexical da ORAÇÃO, são realizados por um único verbo. Ex.: Fale mais sobre essa dificuldade no seu dia a dia.

⁵¹ O *software* R trata-se de uma linguagem e ambiente de programação livre utilizado em análises estatísticas e computacionais. Disponível em: <https://www.r-project.org/>.